

# “DO CÉU AO INFERNO”: A HISTÓRIA DE BAIANO NO BOCA JUNIORS E OS RACISMOS NO FÚTEBOL

SÉRGIO SETTANI GIGLIO\*  
MARCEL DIEGO TONINI\*\*  
KATIA RUBIO\*\*\*

---

## RESUMO

Neste artigo, o tema do racismo no futebol é retomado à luz das experiências do futebolista Dermival Lima, conhecido como Baiano. Quando estava no Boca Juniors aconteceu o episódio de racismo no futebol sul-americano, envolvendo o jogador brasileiro Grafite e o argentino Desábato, o qual trouxe consequências para a vida profissional de Baiano na Argentina. Utilizamos como fontes tanto jornais da época quanto uma entrevista realizada com esse jogador brasileiro, bem como literatura acadêmica. Entende-se que a história de Baiano permite ver e analisar como o racismo se faz presente no futebol e como se manifesta nas relações entre os jogadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol. Racismo. Rivalidade.

## ABSTRACT

In this article, the issue of racism in soccer is taken in the light of the experiences of footballer Dermival Lima, also known as Baiano. When he was at Boca Juniors, it took place the episode of racism in South American soccer involving the Brazilian player Grafite and the Argentinian player Desábato, which had consequences for the professional life of Baiano in Argentina. The sources that we used were both newspapers of that time as an interview with this Brazilian player, as well as academic literature. It is understood that the life story of Baiano allows us to view and analyze how racism is present in soccer and how it manifests itself in relations between players.

**KEYWORDS:** Football. Racism. Rivalry.

---

## Introdução

O futebol tem sido tomado pelos estudiosos como um campo privilegiado de análise da sociedade por permitir a manifestação de uma série de dramatizações.<sup>1</sup> Entendendo-o como um “jogo absorvente”, do mesmo modo que Geertz<sup>2</sup> fez ao descrever e analisar a briga de galos em Bali, podemos dizer que grande parte da sociedade brasileira se revela por meio de uma partida de futebol.<sup>3</sup> Principalmente ao longo das duas últimas décadas, um dos nossos maiores dramas sociais tem ganhado destaque no futebol, qual seja o racismo.

No intuito de refletir sobre esse tema, no presente trabalho apresentamos e analisamos a história de vida de Dermival Almeida Lima, conhecido como Baiano. Sua trajetória guarda muitas semelhanças com a de outros futebolistas brasileiros como a infância pobre, dificuldades familiares e busca de oportunidades profissionais. Apesar disso, ele não só conseguiu se tornar um atleta profissional de futebol como teve sucesso na carreira, a ponto de jogar em grandes clubes no Brasil e no exterior, além de ter integrado a seleção olímpica brasileira. Foi justamente em um desses clubes no exterior, no Boca Juniors, um dos mais tradicionais da América do Sul, que ele viveu as melhores e as piores experiências profissionais.

De acordo com seu relato, ele conseguiu atingir o *status* de ídolo nesse clube argentino mesmo sendo brasileiro e negro, algo que jamais havia experimentado em outras agremiações. No entanto, vivenciou nesse mesmo clube a situação de ser discriminado pelos próprios colegas de time. O título desse artigo traduz exatamente essa mudança de experiência, uma vez que, em suas palavras, “minha vida [...] saiu do céu ao inferno em pouco tempo”.

Essa reviravolta aconteceu após uma partida válida pela Copa Libertadores da América de 2005 entre o São Paulo, clube brasileiro, e o Quilmes, argentino. Nesse jogo, houve uma confusão em campo que

resultou não apenas em expulsões, mas em uma denúncia à polícia por parte do atleta brasileiro Grafite (Edinaldo Batista Libânio), que acusava o jogador argentino Leandro Desábato de tê-lo insultado racialmente. Em consequência, este futebolista foi preso, fato que ganhou repercussão internacional e gerou revolta entre os jogadores e a imprensa argentina.

Em virtude de esse episódio ter sido relatado por Baiano como parte de sua história de vida, foi necessário investigá-lo e reconstitui-lo. Para tanto, foram consultados os jornais de maior circulação de São Paulo (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*) com o objetivo de analisar como o caso e o tema do racismo foram tratados. O texto a seguir, portanto, está estruturado de forma a articular as notícias do caso Grafite/Desábato com a história de vida narrada pelo próprio Baiano. À medida que a discussão for desenvolvida, serão utilizados teóricos que tomaram esse fenômeno social como objeto de pesquisa.

## **A entrevista e o entrevistado**

A entrevista com o jogador de futebol Baiano faz parte da pesquisa<sup>4</sup> que tem o objetivo de registrar por meio de entrevistas as histórias de vida de todos os atletas olímpicos brasileiros. Ao todo, em nosso levantamento realizado, no futebol masculino (1952-2012) foram identificados 218 jogadores olímpicos, sendo que 22 já faleceram. A história apresentada nesse artigo é a do jogador Baiano que defendeu a seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Sidney 2000.

O contato do jogador foi conseguido por meio de outro entrevistado, Manoel Maria, que foi aos Jogos Olímpicos do México em 1968. A relação dos dois foi estabelecida quando Baiano tentou o teste na equipe do Santos e o treinador responsável pelo recrutamento dos jogadores era o Manoel. Depois desse dia, eles se aproximaram, e Manoel tornou-se um padrinho para Baiano.

Antes de fazermos o contato com o Baiano, o próprio Manoel Maria ligou para ele e explicou que o procuráramos para realizar a entrevista. Assim que telefonamos para ele, nos apresentamos e explicamos do que se tratava, Baiano prontamente aceitou conceder a entrevista que foi realizada no Centro de Treinamento do Red Bull Brasil – clube em que atuava na época –, localizado na zona rural da cidade de Jarinu, interior de São Paulo. Marcamos a entrevista para o dia 29 de setembro de 2011. Local de difícil acesso, apenas por meio de uma estrada de terra que liga Atibaia a Campo Limpo Paulista, parece ideal para o treinamento de um time profissional de futebol, já que, além de uma boa estrutura física (alojamento, restaurante, sala de musculação, piscina, campos e churrasqueira), é afastado completamente do frenesi da vida urbana, permitindo contato direto com a natureza.

Gravamos a entrevista em vídeo em uma das mesas ao redor da churrasqueira. Baiano estava sentindo-se à vontade, vestindo camiseta, bermuda e chinelo. Como a maioria dos entrevistados, o jogador começou a contar a sua história de vida de forma cronológica, a partir das origens e infância, enfatizando as agruras pelas quais passou até se tornar atleta profissional.<sup>5</sup>

Ao longo de sua narração, em que evidentemente rememorou a sua participação na Olimpíada de Sidney 2000, um fato bastante doloroso – desconhecido por nós – ganhou destaque: o racismo sofrido por colegas no Boca Juniors em decorrência de um episódio ocorrido em uma partida no Brasil e que envolvera um brasileiro e um argentino. A importância deve-se justamente pelo modo como um elemento externo influenciou completamente a sua carreira, que interrompeu a sua trajetória em um dos maiores clubes da América do Sul e fez com que retornasse ao Brasil.

O acesso a essa memória foi facilitada pelo fato de realizarmos uma entrevista de história oral, em que se dá ampla liberdade de narração

ao entrevistado.<sup>6</sup> Não se trata de uma reconstrução cronológica e factual da biografia dele, mas de uma seleção de memórias e experiências que ele julga relevante, organizando à sua lógica a própria narrativa.<sup>7</sup> Não se trata, também, de trabalhar com “verdades” e “mentiras”, mas sim com a versão que ele nos narrou, por mais que ela pareça “mentirosa”, fantasiosa ou distorcida.<sup>8</sup> Aliás, boa parte da riqueza da história oral está exatamente em privilegiar a subjetividade do narrador, pois, se fosse para verificar dados objetivos, poderíamos recorrer diretamente às fontes escritas.<sup>9</sup> Buscamos, enfim, o registro de “uma outra história” ou de “uma história vista por outro ângulo” por meio de uma narrativa do conjunto das experiências de vida do entrevistado, de modo a não ficarmos restritos a versão dos fatos considerada oficial.<sup>10</sup>

Nessa perspectiva, por meio de sua história de vida, Baiano conta a sua verdade, o modo como percebeu, vivenciou e lidou com as suas experiências. As análises em relação aos fatos narrados não foram estabelecidas como forma de encontrar a versão mais correta dos episódios, mas relacionar como uma mesma situação pode comportar diversas visões seja por meio dos jornais, colunistas, artigos acadêmicos e da própria narrativa de Baiano.

### **A trajetória de vida e profissional de Baiano**

A história de Baiano é parecida com a de muitos brasileiros que tentaram vencer na vida por meio do futebol. De origem humilde, trabalhou desde cedo como camelô. Como sua família havia se mudado de Capim Grosso-BA para a cidade de Santos-SP, tinha na praia um dos poucos momentos de lazer. Foi lá que uma pessoa, que ele não sabe quem é, o elogiou e disse que deveria tentar ser jogador do Santos. Saiu da praia com essa ideia na cabeça e, na segunda-feira seguinte, em julho de 1993, foi andando até a Vila Belmiro para fazer um teste no time do Santos. Conforme relata:

Cheguei na Vila Belmiro, e o Manoel Maria era o treinador do infantil, ponta direita que jogou com o Pelé. Ele falou assim:

— Hoje não é dia de teste.

— Não?! Mas eu quero fazer um teste no Santos.

Fui segunda, não me deixaram treinar. Fui terça, não me deixaram treinar. Fui quarta, não me deixaram treinar. Quando chegou na quinta-feira, ia ter um amistoso do Santos contra o time da Semes, que era da Prefeitura de Santos. Fui todo uniformizado do Bahia pronto pra fazer o teste. Quando chegou o Manoel Maria, falou:

— Rapaz, você de novo?! Não aguento mais você!

E hoje o Manoel é um pai pra mim. Respondi:

— Professor, eu preciso. Pelo menos o senhor me deixa tentar.

Aí, no time da Semes faltaram dois jogadores, um lateral direito e um volante. Graças a Deus, era aquele dia que dá tudo certo também.

Foi graças ao ex-jogador de futebol Manoel Maria, seu primeiro professor no futebol, que Baiano recebeu esse apelido. Ao final do jogo ele chamou Baiano e disse:

— Oh, menino da camisa do Bahia, vem cá. Como você chama?

— Meu nome é Dermival – respondi.

— Como?

— Dermival, professor. Der-mi-val.

— Dermival, não... Tu é da Bahia, né?! Então, eu vou te apelidar de Baiano, que é mais fácil.

E aí ficou Baiano.

Embora possa parecer um simples apelido que ao mesmo tempo identifica sua origem e torcida pelo tricolor baiano, possui uma conotação pejorativa justamente pelo forte e persistente preconceito contra os assim chamados “baianos”, “paraíba” e “nordestinos”. Num primeiro momento, durante a Primeira República, para a elite intelectual e política brasileira, influenciada pelo discurso ideológico europeu, em especial pelas teorias raciais e pseudocientíficas, os “baianos” representavam tudo aquilo do que se queria distanciar: herança colonial portuguesa, barroco, decadência, mulatice ou, em uma só palavra, atraso.<sup>11</sup>

Já no período pós-guerra, esse preconceito ganhou nova característica, uma vez que “baianos” passaram a representar toda uma leva de migrantes do Norte e, sobretudo, do Nordeste que se dirigiam para o Sul e, principalmente, do Sudeste em busca de emprego. Dessa vez, compunham um determinado tipo social: mestiço, acaboclado, de baixa estatura, cabeça chata, pobre, analfabeto ou semianalfabeto. Daí, o estereótipo construído foi o de “imigrante pobre, ignorante, servil, preguiçoso, beócio, sem espírito empreendedor, sem chances de se tornar alguém”.<sup>12</sup> Nas palavras de Guimarães:

Eram o tipo de gente que o brasileiro do sul não gostaria que fosse brasileiro - o seu Outro rejeitado, ou o seu outro brasileiro. Mas, menos que o tipo físico, era todo um Brasil antigo, que era rejeitado, tal como a Bahia o fora: o Brasil da Casa-Grande, dos coronéis, da oligarquia, da agricultura de subsistência, da fome, do flagelo das secas. O Brasil que o sul odiava ser. O nome de *baiano*, portanto, era “merecido”, ou seja, de mesmo significado implícito.<sup>13</sup>

A esse respeito, cabe dizer ainda que Dermival Lima assumiu o apelido “Baiano” em virtude de o seu nome de batismo não ser comum e como uma forma de se colocar em algum lugar sob o ponto de vista geográfico. O fato de o apelido ter sido dado pelo ex-jogador Manoel Maria, uma pessoa muito importante em sua trajetória profissional, foi mais um motivo para adotar a alcunha. Em nenhum momento do seu relato, queixou-se disso, muito pelo contrário acabou por assumir o apelido como seu nome, ao menos nos campos de futebol.

Depois do clube da baixada santista, Baiano passou por vários clubes até chegar ao Palmeiras, quando o time da capital paulista passava por um dos piores momentos de sua história, tendo em vista que disputava a Série B do Campeonato Brasileiro. Apesar da nova realidade que o clube teve que enfrentar, Baiano relata que: “[...] a torcida estava em conjunto pra subir. Então, era só festa. Pra você ver: todos os jogos do Palmeiras em 2003, no Palestra Itália, tinham 25, 30 mil pessoas.

Festa! E o time estava bem, ganhando com o Jair Picerni, o Vágner Love, o Marcão...”. Antes mesmo de o campeonato acabar – competição, aliás, que o Palmeiras se sagraria campeão –, alguns de seus jogadores despertaram interesse de outros clubes. Assim foi com Baiano em relação ao Boca Juniors, da Argentina, clube para o qual ele se transferiu:

Cheguei no centenário do Boca Juniors, em 2005. O Boca Juniors tinha vendido o Tevez para o Corinthians e estava interessado no Marcinho, o meia, que estava no São Caetano, e no Pedrinho, do Palmeiras, porque estavam em momentos maravilhosos. E justo eles foram assistir ao jogo Palmeiras e São Caetano, no Palestra Itália. Ganhamos de 3 a 1, eu fiz um golão e dei uma assistência. Em vez de levar o meia, acabaram levando o Baiano. Eu fui para substituir o Ibarra.<sup>14</sup>

Aliás, foi no Boca Juniors que ele viveu a melhor e a pior experiência de sua vida. Após não renovar o contrato com o Palmeiras pelo fato de o clube não aceitar o aumento salarial pretendido pelo jogador, Baiano transferiu-se para o clube argentino. A condição de status com que chegou ao novo clube era representada pelo local de sua nova residência: Porto Madero, que se localiza em uma área nobre da cidade de Buenos Aires. Se fora de campo Baiano tinha todas as condições para executar um bom trabalho, o clima dentro do clube também era animador. De acordo com o jogador: “Era o centenário do clube, faziam muita festa, com direito a tapete vermelho. A cada jogo, a torcida gritava, cantava, fizeram até música pra mim... Até acontecer isso que eu te falei com o Grafite. Aí... o que estava no céu virou, em pouco tempo, um inferno.”

Como se pode perceber nesse relato, a experiência narrada marcou tanto a carreira e a vida como um todo de Baiano que ele já tinha falado dela em sua “cápsula narrativa”,<sup>15</sup> logo no início da entrevista. Para além da semelhança, ele dera maiores detalhes do ocorrido naquele momento. Vejamos:

Acabei disputando a Libertadores pelo Boca Juniors, marcando dois gols. Foi muito legal no Boca Juniors até acontecer o episódio do Grafite. O Desábato xingou o Grafite, de “negro”, alguma coisa assim. Ele foi preso dentro do Morumbi, e a minha vida que estava no céu... Eu tinha chegado no Palmeiras na Série B, conquistamos o título e eu fui eleito o melhor lateral do campeonato[...]. No final do ano, me transferi para o Boca Juniors, no centenário do clube, e fui morar em Porto Madero. Eu falei: “Cheguei no céu” porque um clube como Santos, Palmeiras, Atlético Mineiro e Boca Juniors, eu não preciso mais nada, né?! Então, é daqui pra voltar à seleção novamente. Infelizmente, após sete meses que eu estava lá, minha vida começou... saiu do céu ao inferno em pouco tempo, porque o Desábato ficou preso aqui sete dias. Todo mundo começou a me comparar com o Grafite, me chamavam de “negro de m...”, “negro disso”, “negro daquilo”, cuspiam na minha cara... Escarraram muitas vezes na minha cara, meus próprios adversários. Dentro do vestiário do Boca Juniors, quando eu chegava, alguns jogadores cuspiam no chão, me chamando de “negro disso”, “negro daquilo”, “irmão do Grafite”. Aí, eu perdi a vontade de jogar no Boca Juniors e retornei ao Palmeiras no final de 2005 novamente.

“Minha vida saiu do céu ao inferno em pouco tempo”. Esse é o “tom vital”<sup>16</sup> da narrativa de Baiano. Não só pela expressividade da fala, mas principalmente pela demarcação de uma temporalidade, de um antes e um depois em sua experiência no futebol argentino. Antes, foi “maravilhoso”, jogava no ano do “centenário”, “faziam muita festa, com direito a tapete vermelho”. A torcida “gritava” e “cantava” a cada jogo. Em virtude das suas boas atuações e gols, “fizeram até música pra mim”. Em outros trechos, Baiano relatou que foi tratado “como um príncipe, como um rei lá dentro, como um rei lá na Argentina”. Até este momento, nem a sua negritude, nem a sua nacionalidade tinha se colocado como um problema para os argentinos. Depois do episódio de racismo envolvendo Grafite e Desábato, respectivamente um brasileiro e um argentino, essa junção de identidades representada por Baiano tornou a sua vida na Argentina insustentável. Por ser o único brasileiro negro a atuar no país vizinho, “todo mundo começou a me comparar com o Grafite”, proferindo-lhe inúmeros insultos raciais. Se a ofensa verbal não bastasse, houve ainda a simbólica, uma vez que “escarravam

muitas vezes na minha cara” e “no chão”, atos cometidos, inclusive, por seus próprios companheiros de clube. As marcas deixadas fizeram-no abreviar a sua passagem pelo futebol argentino e retornar ao seu país de origem.

### **O caso Grafite-Desábato e sua repercussão**

Antes de continuar em sua trajetória, porém, cabe circunscrever o fato que causou tanta mudança em sua vida: o caso Grafite-Desábato. No dia 13 de abril de 2005, o São Paulo disputou no Estádio Morumbi a segunda partida contra o Quilmes, da Argentina,<sup>17</sup> válida pela primeira fase da Copa Libertadores da América. Após uma disputa de bola no final do primeiro tempo, o atacante brasileiro Grafite (Edinaldo Batista Libânio) e o zagueiro argentino Leandro Desábato protagonizaram uma discussão que culminou com a expulsão do atleta brasileiro e de um outro jogador argentino.

No intervalo do jogo, o lance foi reprisado várias vezes, em que aparentemente se podia fazer uma leitura labial que indicava a ofensa racial de Desábato.<sup>18</sup> Algumas autoridades procuraram Grafite para saber o que havia acontecido. De acordo com a reportagem da *Folha de S. Paulo*, o “jogador não só confirmou, como manifestou a vontade de representar criminalmente”.<sup>19</sup> Terminado o jogo, um delegado entrou em campo e deu voz de prisão a Desábato sob a acusação de crime de injúria com agravante de racismo.

Segundo o depoimento de Grafite à polícia, as ofensas foram “Filho da p..., negro de merda e negrinho.”<sup>20</sup> O argentino, por sua vez, em resposta a uma suposta provocação do jogador brasileiro que teria dito que se fizesse um gol iria comemorar fazendo o gesto de uma banana, disse que sugeriu a Grafite pegar a banana e enfiá-la na “bunda”.<sup>21</sup> De acordo com Abrahão e Soares,<sup>22</sup> a frase proferida por Desábato, com a clara intenção de desestabilizar o atleta são-paulino,

pode ser analisada por duas perspectivas que se interligam: a masculinidade (“enfiar a banana na bunda”) e a “superioridade racial” (“banana”, fruta associada principalmente aos macacos, animais que frequentemente são relacionados pejorativamente aos negros).

Acusado de cometer crime de injúria qualificada,<sup>23</sup> que inclui ofensa à dignidade com elementos de raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou deficiente, Desábato foi indiciado e ficou preso no Brasil por 37 horas, sendo apenas libertado depois de o clube pagar a fiança no valor de 10 mil reais.<sup>24</sup>

A repercussão na imprensa nacional e estrangeira foi imediata não só pelo fato em si (ofensa racial em uma partida de futebol seguida de prisão) como pela importância da partida (válida pela principal competição sul-americana) e rivalidade entre os países dos respectivos clubes (Brasil e Argentina).<sup>25</sup> Justamente apegando-se a essa rivalidade, a *Folha de S. Paulo*, em seu editorial, criticou a prisão do atleta argentino, argumentando ainda que “[n]ão há jogo de futebol em que jogadores não troquem insultos, frequentemente de caráter preconceituoso”.<sup>26</sup> Ao final, os editores concluíram que, se a nacionalidade do atleta agressor for a causa da aplicação da “lei com tanta diligência”, as próprias autoridades brasileiras podiam estar incorrendo em “preconceito”.<sup>27</sup>

O editorial d’*O Estado de S. Paulo*,<sup>28</sup> por sua vez, recorreu a uma frase de Leônidas da Silva, apelidado de “Diamante Negro” (“A mãe que você leva para campo não tem nada que ver com a mãe que você tem em casa”) para desqualificar o caso e a denúncia de Grafite. Os editores destacaram a exaltação do “narrador da Rede Globo” frente ao acontecimento e argumentaram que o decorrer das ações estava vinculado ao “*show* de estridência” que a mídia eletrônica tanto gosta.

Os referidos editoriais cometeram, a nosso ver, contudo, dois equívocos básicos: primeiro, destituir o termo “negro” de sentido, tratando-o como mero “expletivo” que realça a provocação do argentino

(não à toa, analisaram o episódio como algo “corriqueiro”); e, segundo, equipararam o ocorrido no Brasil com as atitudes racistas em estádios europeus, dando a entender que lá é pior do que aqui, como se fosse possível classificar tal fenômeno em uma escala do “pior” para o “melhor”. Como nos ensina Munanga,<sup>29</sup> cada país tem o seu próprio processo histórico e social, com suas peculiaridades e diferenças: “[...] não existe racismo pior ou melhor; racismo é racismo, cada um tem um estilo diferente, cada um faz as suas vítimas, a seu modo.”

Muitos foram os jornalistas, colunistas e blogueiros de diversas áreas que também opinaram sobre o episódio, sem variar em grande medida os argumentos levantados: rivalidade,<sup>30</sup> espetacularização,<sup>31</sup> exagero,<sup>32</sup> “tom da fala” como indicador da situação racista,<sup>33</sup> hipocrisia perante o nosso próprio racismo,<sup>34</sup> entre outras alegações que, na maioria das vezes, corroboraram com a gíria futebolística que diz “tudo o que acontece dentro de campo deve ficar em campo”.<sup>35</sup> Em outros termos, é como se durante esse espaço-tempo (campo-90 minutos) do futebol valessem outras normas sociais, em que atos discriminatórios são permitidos ou, ao menos, não devem ser levados tão a sério.<sup>36</sup> Para Abrahão,<sup>37</sup> o futebol fornece um “*locus* privilegiado de investigação da ambiguidade das representações socialmente construídas sobre a raça negra e sobre o caráter ambivalente do racismo na cultura brasileira”. Desse modo, o posicionamento do colunista e ex-jogador Tostão se aproxima dessa visão, pois essas ambiguidades para provocar o adversário são, em sua maioria, um elemento central das relações entre os atletas de futebol.

Sem nos estendermos demais na reconstituição e repercussão desse episódio, lembramos que alguns autores já debateram especificamente o caso Grafite-Desábato<sup>38</sup> e que muitos jornais brasileiros na época realizaram uma série de matérias a respeito do racismo no futebol. No próximo tópico, para retomarmos a trajetória de

Baiano, exploraremos duas reportagens publicadas no Brasil que abordaram exatamente a experiência vivida naquele momento pelo lateral na Argentina.

### **As reportagens com Baiano e a sua experiência na Argentina após o caso Grafite-Desábato**

Primeiro, a *Folha de S. Paulo* fez uma matéria, em 16 de abril de 2005, sobre a presença de futebolistas brasileiros negros em times argentinos durante todo o século XX.<sup>39</sup> Logo no primeiro parágrafo afirmou que “a cor de pele não foi problema para uma penca de jogadores brasileiros virarem ídolos de clubes argentinos.”. Como se os fatos não estivessem vinculados às pessoas que o produziram e sim a uma condição estrutural ou uma forma de pensar de determinados clubes. Com isso a reportagem acaba por separar as ações dos fatos, pois não recupera o contexto histórico e pessoal das experiências dos jogadores citados. Apenas quer indicar, de modo simplista, que nos clubes argentinos não existe racismo em relação aos brasileiros negros que por lá atuaram.

Na parte final da reportagem, o Boca Juniors é destacado como o clube argentino que mais recebeu brasileiros, inclusive nas últimas décadas. A matéria termina com uma fala de Baiano: “Nunca tive problemas, nem no Brasil nem aqui. Sempre me trataram bem. É verdade que a palavra negro é muito forte, mas acho que as coisas que acontecem em campo devem ficar lá.”, afirmando em seguida que o lateral gosta do apelido que recebeu no clube, “Bombom”.

Cabe dizer, contudo, que a reportagem não mencionou episódios discriminatórios envolvendo vários jogadores brasileiros negros que atuaram no futebol argentino, incluindo alguns dos citados, como Jorginho Paulista, por exemplo, no próprio Boca Juniors. Mais do que isso, dada a repercussão negativa do caso Grafite-Desábato – sobretudo

na Argentina – e pelo fato de Baiano atuar naquele momento no país vizinho, era de se esperar que ele negasse qualquer tipo de problema em virtude de ser negro. O próprio lateral admitiu que tal palavra – “negro” – tem uma conotação pejorativa no universo do futebol. É claro que depende do contexto e do tom da fala, mas podemos dizer que na maioria dos setores da sociedade brasileira esse termo ainda é um tabu, embora atualmente o correspondente “preto” seja interpretado como mais ofensivo por muitos negros.

Em um país que desenvolveu o desejo de branqueamento, assumir a negritude é uma tarefa difícil e dolorosa para muitas pessoas. Significa aceitar o próprio corpo, a sua cultura e a sua história no mundo moderno, ainda mais no Brasil que viveu sob o regime escravocrata por mais de três séculos e cuja ideologia racista nega a contribuição cultural dos negros e enfraquece a sua unidade. Fato que demonstra, se não a negação, que a fluidez da identidade étnica no Brasil é marcada pela confusão entre cor e raça, expressa sobremaneira na conhecida Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1976, quando os próprios brasileiros se autodefiniram e compuseram uma “aquarela do Brasil” com 136 cores. Os critérios de atribuição racial ou autodenominação, é necessário que se diga, são sempre subjetivos, negociados, variando conforme o local, o tempo e as condições da aplicação do censo. A multiplicidade cromática dos dados revela uma escala de valores e o branqueamento geral nas autodefinições mostra como a cor branca coloca-se como uma aspiração social. Para Moura,<sup>40</sup> essa ideologia trouxe uma grave consequência para os negros no Brasil: “Essa perda ou fragmentação da identidade étnica determinará, por sua vez, a impossibilidade de emergir uma consciência mais abrangente e radical do segmento negro e não branco em geral.”

Considerando esses elementos, entende-se por que muitos negros se sentem ofendidos quando são chamados de “negros” e não se sentem

quando se trata de nomes no diminutivo (“neguinho”, “pretinho”, “escurinho”, ainda mais se acompanhado do pronome possessivo na primeira pessoa do singular) ou de apelidos (Capacete, Tinga, Zulu, Grafite, Bombom; todos esses são nomes de jogadores, o último é do próprio Dermival Lima). Se num primeiro momento essas denominações aparentam certa amabilidade, cordialidade ou até mesmo harmonia racial, num segundo instante remetem à suposta docilidade dos negros nas relações raciais, a mesma que historicamente é (mal) ensinada nas escolas em referência a sua suposta falta de resistência frente à colonização portuguesa e à escravização.

Como em outros espaços sociais, o próprio meio futebolístico os obriga a aceitarem tais alcunhas, em muitos casos ofensivas. Elas remetem em grande parte ao próprio corpo negro, inferiorizando as suas características, tais como cor da pele e cabelo, e os seus usos. Afetar a subjetividade e a construção da identidade negra de cada sujeito é outro efeito do racismo no Brasil, como nos ensina Gomes.<sup>41</sup> Santos e Molina Neto<sup>42</sup> argumentam que “Geralmente, é muito difícil perceber o racismo nas brincadeiras, pois depende do contexto e da intenção de quem as profere. É importante ressaltar que certas frases e apelidos acabam se naturalizando a ponto de causar estranheza quando alguém se diz ofendido”. Aliás, qualquer negro cuja reação sai desse padrão socialmente estabelecido é visto como “rebelde” ou “perigoso”. O futebol fornece uma lista grande de jogadores que sofreram retaliações por sua postura, desde Fausto, passando por Leônidas da Silva até Paulo César Caju.<sup>43</sup>

No dia 18 de abril de 2005, foi a vez de *O Estado de S. Paulo* fazer uma reportagem com Baiano.<sup>44</sup> Antes de reproduzir a entrevista com o lateral, o jornal afirmou que o jogador “ficou assustado com a prisão do argentino Leandro Desábato” no Brasil. Apesar disso, aceitou o discurso do jogador sem fazer qualquer ponderação, tal como a matéria da *Folha*:

“Há quatro meses em Buenos Aires, no Boca Juniors, ele garante que não há racismo na Argentina. Muito pelo contrário.”, citando como prova a boa recepção por parte da torcida do clube argentino.

Quanto aos temas abordados nas perguntas, foram: racismo na Argentina, repercussão e consequências do caso Grafite-Desábato, contato com Desábato, uso do termo negro na Argentina, força do Boca Juniors e Libertadores como vitrine. A reportagem poderia ter explorado o relacionamento de Baiano não só com os jogadores do Boca Juniors e com adversários, mas também com a comunidade local. Embora Baiano pudesse dissimular, mais detalhes certamente seriam revelados sobre as suas experiências no país vizinho. De toda maneira, vejamos duas de suas respostas:

#### **Há racismo na Argentina?**

Nunca percebi nada. Sou muito bem tratado aqui. Eles me chamam de “Bombom”, um apelido que um jornalista me deu e pegou. Estou muito satisfeito aqui.

Até então, Baiano vivia a sua maior e melhor experiência profissional ao se tornar jogador do Boca Juniors. Estava sendo muito bem tratado. A sua vivência o levou a responder que não existe racismo na Argentina, mas mais do que isso sem dúvida nenhuma a consciência das consequências que sofreria frente a uma resposta afirmativa. Se a recepção e o ambiente de trabalho fossem realmente bons, os seus companheiros, os dirigentes do clube e a torcida não iriam compreender. Mesmo se não o fossem, negar foi o modo como lidou com a situação e por uma vontade de continuar uma experiência que estava sendo ótima. Em suma, a resposta afirmativa certamente acarretaria no fim de sua jornada no clube e na Argentina. Um sinal disso é justamente a sua reação taxativa à seguinte pergunta:

**Você teme que o episódio do Desábato piore o clima para os brasileiros que jogam na Argentina, como é o seu caso?**

Acho que isso não tem nada a ver. Sou muito bem tratado no Boca. Tive uma identificação muito grande com a torcida. Minha família se adaptou perfeitamente a Buenos Aires. Eu quero jogar bem para continuar no Boca até o fim de carreira, se eles quiserem.

Embora esse fosse o seu desejo, não foi possível em virtude de os argentinos descarregarem sobre ele, único futebolista brasileiro negro a atuar no futebol do país vizinho naquele momento, todas as suas frustrações pela situação vivida por Desábato no Brasil. Essa incapacidade de analisar por completo as circunstâncias que produzem esses aparentes infortúnios somado à transferência de responsabilidade a grupos minoritários visivelmente identificáveis em uma dada sociedade caracterizam o fenômeno do “bode expiatório”. Diante de uma percepção negativa já existente sobre os negros no imaginário social, Baiano era visto como o “estereótipo ‘disponível’”, conforme argumenta Cashmore,<sup>45</sup> de modo que a culpa foi a ele atribuída.

Esse processo já estava em curso antes mesmo de a imprensa brasileira o entrevistar sobre o assunto. No dia seguinte ao episódio no Brasil, Baiano teve de enfrentar uma coletiva de imprensa no Boca Juniors com inúmeros jornalistas,<sup>46</sup> conforme relata:

No outro dia, tive que dar explicação pra 200 jornalistas, na sala de imprensa do Boca Juniors. Duzentos! Como era o único negro e brasileiro jogando em 2005 na Argentina, o pessoal queria saber do racismo, como que era...

— Aqui eu não sinto racismo, aqui não tem racismo – respondi.

— Mas o cara xingou o Grafite lá e está preso?! – questionaram.

— Eu não tenho nada a declarar... Graças a Deus, eu e a minha família, vivemos como um rei aqui.

Veja como o Boca me tratou: me colocou em Porto Madero, pagava tudo, deu carro à disposição para me levar para o treino... Eu estava jogando bem, as coisas estavam dando certo. Então...

A pressão da imprensa como um todo sobre Baiano foi enorme, mas ele não tinha do que se queixar até aquele momento. O clube deveria protegê-lo naquele instante e não expô-lo a tal situação, o que já indica que havia um mal-estar interno com a sua presença. Ele mesmo torna isso evidente na sequência da narrativa:

Aonde a gente ia jogar, a torcida vaiava. Vaiava o Palermo, o Abbondanziere, o Schelotto, me vaiava... assim normal, de você pegar a bola e a torcida vaiar, mas nada de ofensa, de racismo, de banana, nada disso, não! Aí depois disso, os jogadores argentinos se revoltaram contra mim. Não foi a torcida, o povão, mas os atletas que, dentro de campo, começaram a cuspir na minha cara, a escarrar... Aquilo foi subindo o sangue e eu comecei a brigar, tomar cartão e, então, pedi para ir embora. Tive que pagar multa para poder sair. Paguei do meu próprio bolso para poder sair – veja que loucura! – porque não tinha mais clima pra eu jogar...

Baiano relata que esse processo de mudança que o fez ir “do céu ao inferno” foi muito intenso. A ponto de sua memória voltar a falhar, assim como já tinha acontecido em uma passagem anterior de sua narrativa, quando ele havia dito que “[...] o Desábato ficou preso aqui [no Brasil por] sete dias”, quando na verdade o jogador argentino permaneceu encarcerado por 37 horas. Do mesmo modo, como veremos a seguir, sua memória estendeu o período de atuação na Argentina. Ao invés de retornar ao Brasil “no final de 2005”, ele voltou antes mesmo da metade daquele ano. Esse período em que vivenciou intensamente a repercussão do episódio Grafite-Desábato durou cerca de um mês e meio, ou o equivalente a cinco ou seis partidas, conforme relatou o lateral. Nesse espaço de tempo, ele perdeu o “prazer”, a “vontade de jogar futebol”. Tudo se agravou quando os próprios atletas do Boca Juniors passaram a discriminá-lo:

Eu tive problema com o Abbondanziere, com o Schiavi... Eu entrava no vestiário, e eles falavam:

— E aí negro de “m”?! – para não completar a frase toda – Aquele filho da “p” do Grafite... – e assim por diante.

Então, eles afrontavam e ficavam me irritando na hora do treino:

— Ei, negro... – um falava.

— Não lhe diga negro – outro respondia –, ele é *rubio*... Não diga a esse *mono* que ele é *mono*.

Foi desgastando, o treino cada vez ficava mais triste e eu cheguei pra minha esposa e falei:

— Amor, vamos embora.

Como o Palmeiras me queria de volta, porque os laterais que tinham assumido não tinham dado certo, eu acabei voltando para o clube nos outros cinco meses, no final de 2005.

Em um curto período, Baiano percebeu que sua resposta dada aos jornalistas argentinos e brasileiros, de que na Argentina não havia racismo, estava errada. Afinal, em pouco tempo a situação foi de um extremo ao outro, pois, se no começo os atos discriminatórios estavam em latência e não eram percebidos pelo futebolista, ao final de sua jornada no país vizinho as ofensas raciais foram escancaradas e partiam até mesmo de seus companheiros de equipe.

## **O retorno ao Brasil e o entrevero com o Tevez**

Com sua situação insustentável no futebol argentino, Baiano pagou do próprio bolso para rescindir seu contrato com o Boca Juniors. De acordo com a Folha de S. Paulo, o lateral acertou sua volta ao Palmeiras em 21 de junho de 2005.<sup>47</sup> Em sua reapresentação, revelou mais detalhes sobre os insultos raciais sofridos: “Me chamavam de negro e perguntavam se eu teria lá em Buenos Aires a mesma coragem que o Grafite teve no Morumbi, se iria denunciá-los no país deles.”<sup>48</sup> Ao reestrear pelo clube paulista, em 3 de julho de 2005, Baiano viveu sua “redenção” e foi eleito “o personagem” da partida na goleada por 4 a 1 contra o Botafogo, sobretudo por sua assistência no terceiro gol palmeirense.<sup>49</sup>

Na partida seguinte, porém, reviveu momentos lamentáveis. Em 10 de julho, Corinthians e Palmeiras realizaram o dérbi paulista em um momento em que ambos os times estavam pressionados pelas respectivas diretorias e torcidas. O time alviverde saiu na frente, mas o alvinegro virou o placar e ganhou por 3 a 1. No final do jogo, Baiano e Hugo foram expulsos, mas o que chamou a atenção foi que, ao receber o cartão vermelho, o lateral palmeirense chutou a bola em Carlos Tevez e iniciou uma confusão generalizada em campo.<sup>50</sup>

Após a partida, Baiano disse que o motivo de sua atitude foi o mesmo que o fez sair da Argentina: “Ele me provocou o jogo todo, me chamou de cagão por não ter reclamado dos problemas que tive na Argentina enquanto estava no Boca. Errei, mas foi um desabafo, não quis agredir ninguém. Peço desculpas ao torcedor.”<sup>51</sup> O polêmico diário esportivo Olé, da Argentina, também ironizou as denúncias de racismo feitas pelo brasileiro após o jogo: “Diante da imprensa argentina, ele baixava a cabeça e não fazia acusação nenhuma.”<sup>52</sup> O fato de ele não ter denunciado na época, evidentemente, não o responsabiliza pelo racismo sofrido. A forma como o jornal abordou o assunto é mais um sinal de que o contexto ao redor de Baiano era desfavorável e o desencorajou a denunciar tal situação. De acordo com o próprio lateral, foi exatamente essa suposta falta de coragem, só que por parte de Grafite, o motivo maior dos insultos raciais que ele sofreu na Argentina: “O que mais me prejudicou foi que logo em seguida ele retirou a acusação, a denúncia. Aí que o povo me chamou mais ainda de... de *cagón*, como se diz. E aí ficou... ficou insustentável pra mim.”, relembra com pesar.

Sabendo que chutar a bola no adversário é passível de punição e pode prejudicar tanto a si mesmo como o clube, era de se imaginar que havia uma razão muito forte capaz de tirá-lo de sua razão mesmo durante o calor da partida. Entre a saída do Boca Juniors e a chegada ao Palmeiras, o lateral não tinha tido tempo suficiente de digerir os insultos

sofridos na Argentina a ponto de suportar um jogador argentino discriminá-lo no seu próprio país. Ele mesmo reconheceu isso na entrevista concedida: “Tanto é que na minha volta pra cá, o Tevez ficou buzinando no meu ouvido, e eu dei uma bolada nele no Morumbi. Fui expulso, já no final do jogo, Palmeiras e Corinthians. Nós perdemos de 3 a 1. Dei a bolada porque ainda estava tudo muito recente.”

A reação violenta foi, sobretudo, uma resposta simbólica encontrada por ele como válvula de escape para manifestar o seu descontentamento com o modo como os atletas argentinos o trataram, e as suas frustrações em relação às consequências sofridas devido a um evento cujos protagonistas eram terceiros e que culminou com o fim de sua jornada até então muito realizadora.

Tudo isso aflorou durante aquele clássico regional em que Tevez usou desse artifício para desestabilizar o jogador brasileiro, cujas emoções estavam à flor da pele. Não custa lembrar que Tevez, além de argentino, era ex-jogador formado no Boca Juniors e amigo justamente daqueles atletas líderes do clube que insultaram Baiano e forçaram a sua saída. Muito provavelmente ele sabia em detalhes o que tinha se passado com o jogador brasileiro em seu país de origem. O atacante argentino revelou esse descontrole do lateral brasileiro: “Eu não sei porque Baiano estava tão irritado comigo. Senti seu nervosismo durante o jogo.”<sup>53</sup> Ironicamente, Tevez disse não entender a atitude de Baiano e negou ter cuspidado na direção do brasileiro após levar um pontapé, conforme relatos de repórteres de rádio que cobriram aquele jogo: “Cusparada no Baiano? Não. Não dei cusparada em ninguém.”<sup>54</sup>

Baiano também negou esse fato, ou ao menos disse não ter percebido, porém se mostrou profundamente inconformado com a diferença de tratamento dado aos jogadores argentinos no Brasil: “As pessoas esquecem as coisas muito rápido. Esses caras (Tevez) vem pra cá e são tratados como heróis. Só eu sei o que passei na Argentina após o

episódio do Grafite.”. O que mais o deixou indignado, se não bastassem as ofensas raciais sofridas pelo lateral ao longo daquele clássico, era o fato de Tevez ter sido desrespeitoso com o Brasil dias antes e ainda assim ser bem tratado: “Ele cuspiu na água da seleção brasileira (em episódio durante as eliminatórias às vésperas de um Brasil e Argentina a pedido de uma emissora local), faltou com o respeito com os nossos jogadores e a nossa torcida.”<sup>55</sup>

Aliás, este fato motivou Tevez a quebrar o silêncio com a imprensa brasileira, algo que já durava setenta dias, para se esclarecer e pedir desculpas pelo ocorrido:

“Não quis ofender o povo brasileiro quando, brincando, dei uma cusparada em um galão de água em um programa humorístico argentino. Não sabia que eles iriam fingir que a água seria servida ao Parreira [técnico da seleção brasileira na época]”, justificou. Me senti muito mal pelo modo como as pessoas viram minha atitude. Estava brincando. Sou feliz demais no Brasil e agradecido pela maneira como estou sendo tratado aqui desde que cheguei”, disse Tevez.<sup>56</sup>

Tevez já havia percebido a irracionalidade da sua atitude e imaginado o que isso poderia lhe acarretar no Brasil. Embora desprovida do componente racial como no caso de Baiano, a atitude impensada acirrava a rivalidade entre Brasil e Argentina e também poderia levar-lhe a uma situação insustentável neste país. Por isso a quebra de silêncio e a retratação.

Tomando esse episódio como mote, Baiano teceu comparações culturais entre os dois países em questão: “O povo argentino é mais patriota, se tivesse feito aquilo nem precisava voltar. Nós, brasileiros, somos um povo mais acolhedor, que se esquece tudo mais rápido.”<sup>57</sup> Os jornais paulistas no dia seguinte ao clássico também exploraram essas diferenças. Para a *Folha de S. Paulo*, o lateral relatou: “Agora, vai jogar lá na Argentina para ver como as coisas são diferentes. Passava o jogo todo levando porrada e escutando muita coisa. Se desse mole, eles (os

argentinos) tiravam a minha pele.”<sup>58</sup> Como na visão dele essa não era a realidade vivida pelos argentinos no Brasil, referindo-se especialmente ao Tevez, Baiano advertiu para o *Estado de S. Paulo*: “Apanhei muito, era pancada de todo o lado. Por isso, acho que os argentinos que estão aqui não têm motivo para reclamar, não. Eles até são ídolos, não são?”<sup>59</sup>

## **Da rivalidade entre Brasil e Argentina aos racismos no futebol**

A rivalidade futebolística entre Brasil e Argentina, portanto, coloca-se novamente no centro do debate. Se na época do caso Grafite-Desábato ela foi enunciada de forma unânime, por brasileiros, argentinos e imprensa, como elemento indispensável no desenrolar dos fatos, desta vez Baiano é quase uma voz solitária a apontá-la como fator importante no entrevero entre ele e Tevez. Afinal, é raro ver nos estádios de futebol um jogador chutar a bola no adversário com o jogo parado. Embora o atleta ofendido racialmente mais uma vez tenha sido expulso enquanto o agressor tenha continuado em campo, o episódio não teve, no entanto, a mesma repercussão nos jornais. Sim, é claro que ninguém saiu algemado de campo, mas era de se esperar que fosse assunto para colonistas e blogueiros. Seria tão óbvio que não precisava ser discutido?

Para os pesquisadores de futebol em especial, é comum o uso da definição de nação enquanto “comunidade imaginada”, elaborada por Anderson,<sup>60</sup> para fazer uma relação com o sentimento de pertencimento de uma torcida em relação a um clube ou seleção. Exatamente nesse sentido, tornou-se conhecida a citação de Hobsbawm.<sup>61</sup> “A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.”. Do mesmo modo, no Brasil, Nelson Rodrigues<sup>62</sup> cunhou e imortalizou a expressão sobre a seleção brasileira como a “pátria em calções e chuteiras”. Se as nações foram forjadas paralelamente ao declínio de reinos dinásticos e de ordem divina

na modernidade, as seleções nacionais de futebol também foram elaboradas artificialmente enquanto representação de seus respectivos países, invariavelmente com papel decisivo dos Estados-nação, como no Brasil nos anos 1930 e 1940, conforme nos ensina Souza.<sup>63</sup>

No início do século XX, de acordo com a lógica da época, a seleção brasileira deveria corresponder a um país ideal, ou seja, predominantemente branco. De acordo com Pereira,<sup>64</sup> a presença de negros no escrete era indesejada, parcialmente por servir de chacota por parte dos adversários. Foi justamente isso que ocorreu quando, em outubro de 1920, a equipe nacional esteve em Buenos Aires para disputar duas partidas, uma contra a seleção argentina e outra contra um clube. Um jornal local publicou um artigo “ofensivo” acompanhado de caricaturas “insultuosas”, retratando os brasileiros por “*macaquitos*” e revelando o imaginário vizinho a nosso respeito.<sup>65</sup> Utilizar a metáfora animal para representar os brasileiros significa bestializar-nos, retirar-nos a condição humana. Indiretamente, faz uma referência à origem africana de nossa formação étnica, assim como à escravidão a qual foram submetidos os negros na história moderna. Dentro daquele cenário que hierarquizava raças e nacionalidades, no qual o progresso de um Estado-nação era medido em parte por meio das supostas características vinculadas às raças que compunham a sua população, os brancos argentinos acreditavam ser superiores aos negros brasileiros.

A representação dos brasileiros como “*macaquitos*” da parte dos argentinos, a qual equipara “raça” a “povo” e “povo” a “nação”, é algo que foi construído e reforçado ao longo do tempo. Não é sem razão que tanto Grafite quanto Baiano, quase um século depois, foram insultados com os termos “macaco” e “*mono*” por adversários e até mesmo companheiros de time. Seguindo as hipóteses de Guedes,<sup>66</sup> temos razões “para supor que tais estereótipos encontram no futebol e, particularmente, na colocação dos dois países no cenário internacional

deste esporte, um espaço privilegiado para suas construções, a partir desta rivalidade exacerbada.”. A discussão da autora remete às diferenças e similaridades das narrativas sobre as duas nações tal como se apresentam no futebol, ou seja, nos estilos praticados por cada país. Falando exatamente sobre o “estilo brasileiro”, cabe ainda uma última citação da antropóloga:

A metáfora [animal] autoriza igualmente a interpretação de que, por essa via, estão também sendo denunciadas as “ambiguidades e fissuras” (PEREIRA, 2000) do constructo acerca do “estilo brasileiro”. Pois não é, de modo algum, inequívoca ou consensual, no Brasil, a identificação da “brasilidade” com a “negritude”. Nem mesmo depois de Gilberto Freyre, dos modernistas e dos tropicalistas, nossa “mestiçagem” constitui-se num valor totalmente compartilhado. Quanto mais não seja porque trata-se de uma sociedade que está longe de incluir os negros na distribuição da riqueza coletiva e como partícipes iguais de sua construção sócio-política.<sup>67</sup>

Nem mesmo no futebol, que foi construído na primeira metade do século XX como um dos poucos espaços sociais de integração e afirmação dos negros no Brasil, algo que se traduz muitas vezes de maneira equivocada como espaço racialmente democrático, os negros conseguiram ocupar todos os setores de atuação profissional.<sup>68</sup> Basta ver que a inserção do negro nesse universo vai até o atleta profissional, ainda hoje são raríssimos aqueles que galgaram às posições de treinadores, árbitros e dirigentes, para não falarmos do jornalismo ou da medicina esportiva. As exceções só confirmam a regra. Afinal, o futebol não poderia ser avesso à sociedade brasileira que é racista. De alguma maneira, ele também reproduz uma estrutura racista, assim como qualquer setor do mercado de trabalho no Brasil.

Isso revela, por sua vez, que quanto mais subimos em qualquer hierarquia profissional, menos negros encontramos justamente porque mais controlados são os cargos de comando. Invariavelmente, tratam-se de postos de importância em termos administrativos, políticos e

econômicos, o que significa dizer que o campo esportivo<sup>69</sup> e cultural tem socialmente uma relevância menor e é menos vigiado pelas classes dirigentes. Não à toa, os negros têm maior inserção no Brasil em áreas relacionadas ao uso do corpo, como futebolistas e sambistas, ao contrário de dirigentes de futebol e empresários da música, só para continuarmos para os mesmos universos profissionais. Nesse sentido, se o futebol um dia foi analisado como uma área “leve” ou “mole” das relações raciais no Brasil,<sup>70</sup> em comparação com as esferas do trabalho, do matrimônio e das interações com a polícia por exemplo, é preciso analisar a sua estrutura como um todo e verificar as “durezas”, digamos, dentro da suposta área “mole”.

O futebol, através das experiências vividas por futebolistas profissionais, tal como Baiano, é capaz de revelar todo um conjunto de características do modo como o racismo opera na sociedade. Enquanto momento típico de competição, é nos embates dentro de campo que se manifesta em demasia o preconceito racial dissimulado.<sup>71</sup> É na intimidade entre dois jogadores ao longo de uma partida, tal como aconteceu entre Grafite e Desábato, ou entre Baiano e Tevez, que as discriminações raciais se dão de forma repetitiva, cruel e de difícil comprovação.<sup>72</sup> Se nós, brasileiros, temos vergonha de assumir nosso próprio racismo, torna-se mais fácil apontar o problema no outro, ainda mais quando se trata de um argentino.<sup>73</sup> E, assim, o racismo para fora se dá com mais ênfase do que o racismo para dentro, culturalmente naturalizado.<sup>74</sup>

Cabe dizer ainda que os negros são desencorajados a combater o racismo, pois tudo é um convite a “deixar de lado”: a recorrência dos casos, as diferentes alegações, a falta de seriedade no combate por parte dos dirigentes esportivos e das autoridades policiais e jurídicas, a aplicação de penas irrisórias (mesmo diante do flagrante), a falta total de apoio (seja dos jogadores, treinadores e dirigentes, seja dos empresários e

dos próprios familiares, que acham que a denúncia pode prejudicar a sequência da carreira) e a cultura de cordialidade brasileira, de suposta democracia racial e de que os insultos fazem parte do futebol.

## **Considerações finais**

Retornemos, por fim, à trajetória de Baiano. Após voltar ao país de origem, Baiano continuou a rodar<sup>75</sup> de modo mais intenso por vários clubes do Brasil (Palmeiras, Santos, Náutico e Vasco), da Rússia, da Colômbia, do interior de São Paulo (Paulista de Jundiaí, Guarani e Red Bull) e mais recentemente, depois da realização da entrevista, o Brasiliense. Embora o rodar seja uma característica de grande parte dos jogadores de futebol que vão em busca de sua independência financeira, após jogar pelo Boca Juniors as passagens rápidas pelas diversas equipes revelam a dificuldade de Baiano em criar raízes tal qual a que buscava no Boca Juniors, em que pretendia jogar por muitos anos. E conforme a sua idade avançava passou a jogar por clubes de menor expressão ou fora dos clubes com maior poder financeiro.

Baiano jamais imaginava que algo acontecido num jogo no Brasil pudesse influenciar diretamente a sua carreira no Boca Juniors. Ao final de sua narrativa, disse que se pudesse mudaria algumas decisões em sua trajetória. A primeira coisa que mudaria, apesar de tudo o que passou, era não rescindir o contrato e pagar a multa para o clube argentino: “por mais que eu tomasse soco na cara, porque depois o arrependimento foi muito grande... Até porque foi o primeiro clube que eu tive *status* de ídolo, a ponto de me pagarem para eu dar entrevista. Foi o primeiro clube na minha carreira que isso aconteceu.”, relembra saudosamente.

Em busca do reconhecimento aceitaria aguentar as ofensas e xingamentos. Essa mudança que significa enfrentar os atos discriminatórios pode ser lida a partir de Scharwcz,<sup>76</sup> quando a autora afirma que o mais difícil é admitir a discriminação e não o ato de

discriminar. Porém, no caso de Baiano a grande dificuldade foi a de lidar com a discriminação que o impossibilitou de continuar a ter vontade de ocupar o mesmo espaço dos jogadores que o ofenderam. A saída encontrada por ele foi o retorno ao Brasil, para as suas origens, o que não o protegia de situações semelhantes como a vivida em embate com o Tevez.

A história de vida de Baiano permitiu entender como circulam as relações futebolísticas, pois mesmo sem possuir vínculos com a partida em que o jogador argentino Desábato foi preso sofreu as consequências pelo fato de ser brasileiro e negro atuando na Argentina.

Apesar de a ordem dos acontecimentos apontarem as ofensas racistas proferidas por Desábato para Grafite, a retirada da acusação por parte do brasileiro acabou por reforçar que a identidade nacional fora um elemento central da prisão do jogador argentino. Dessa forma, a ação da polícia, embora cabível em situações de ofensas racistas, se potencializou por meio da cobertura midiática e assumiu uma espetacularização que colocou no espaço jurídico a rivalidade futebolística entre brasileiros e argentinos. Ainda sob a égide dessa rivalidade, com a desculpa de defender o colega que fora preso e fazer justiça com as próprias mãos, os jogadores argentinos do Boca Juniors ofenderam Baiano a ponto de ele rescindir seu contrato e pagar do próprio bolso para poder retornar ao seu país.

Toda essa ação que acontece no meio futebolístico que permite legitimar as ofensas como algo “normal” em um jogo de futebol, tal como relataram diversos colunistas e o próprio Baiano, revela que o racismo no Brasil e, em especial nos campos de futebol, se afirma na ordem do privado, nas relações íntimas, no “calor do jogo”, como se diz na gíria futebolística, e raras vezes publicamente. Afinal, os jogadores do Boca Juniors discriminaram Baiano no vestiário, espaço privado do campo de futebol. Quando assume a condição pública fala-se que foi

“brincadeira” ou que para provocar o adversário “vale tudo”. Nesse caso, os elementos racistas são diluídos pelas práticas sociais que aceitam as discriminações como parte do processo social.

Essa ambiguidade gera toda a dificuldade em identificar e, portanto, punir os atos racistas. Os casos estudados neste trabalho indicam que a discriminação racial no futebol vem acoplada à nacionalidade e à origem étnica do jogador. No caso de Baiano, esses dois fatores o associavam ao jogador Grafite, ou seja, ambos são brasileiros e negros. Esse duplo estatuto funcionou como a permissão para os jogadores do Boca Juniors ofender Baiano que, mesmo sem vínculos com o episódio carregava por meio de seu corpo os signos da identidade nacional<sup>77</sup> como representante de todo o acontecimento que gerou a prisão do jogador argentino Desábato.

Para além de casos singulares, é preciso olhar toda a estrutura do futebol que reproduz o racismo existente na sociedade e impede que negros conquistem novos espaços de atuação. Combater esse racismo institucionalizado é algo difícil e certamente levará muito tempo e virá acompanhado de um contexto histórico e social que permita isso. Histórias, experiências e memórias, como as de Baiano, contribuem para registrar, mais do que acontecimentos e dados objetivos, as suas subjetividades frente a um racismo que está em toda a sociedade. Através das vivências de indivíduos, podemos refletir melhor sobre a construção de rivalidades, as relações raciais e o futebol como campo privilegiado de análise social. Ao menos, foi isso que tentamos fazer.

## Notas

---

\* Doutor em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Nove de Julho. Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades

---

Lúdicas e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol. São Paulo, Brasil. E-mail: ssgiglio@usp.br

\*\* Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral, do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol. Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: marceldt@gmail.com

\*\*\* Professora da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. E-mail: katrubio@usp.br

<sup>1</sup> DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

<sup>3</sup> VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982; DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e futebol*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

<sup>4</sup> Essa pesquisa contou com financiamento do CNPq e da FAPESP. Caso o artigo seja aprovado incluiremos estas informações.

<sup>5</sup> Como se pode notar, o caderno de campo é um dos instrumentos que faz parte do conjunto de procedimentos metodológicos adotados. Nossas principais referências teóricas nesse sentido são, entre outros: BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes, 2007. GEERTZ, *op. cit.*, 1989. MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002; MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. da Unesp, 2006.

<sup>6</sup> CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história*. São Paulo: Loyola, 1999.

<sup>7</sup> RUBIO, Katia. *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2006.

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê, 2003; DEBERT, Guita Grin. Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

<sup>9</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>10</sup> JOUTARD, Philippe. *Essas vozes que nos llegan del pasado*. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

<sup>11</sup> GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O preconceito contra os baianos. In: *International Congress of the Latin American Studies Association*, 22., 2000, Miami. *Comunicações...* Miami: LASA, 2000, pP. 1-5.

<sup>12</sup> GUIMARÃES, 2000, p. 1

<sup>13</sup> GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Op. Cit.*, p. 4.

---

<sup>14</sup> CALDAS, Alberto Lins. Cápsula narrativa em história oral. In: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo, ano 3, n. 6, pp. 49-76, jul./dez. 2009.

<sup>15</sup> CALDAS, Alberto Lins. Cápsula narrativa em história oral. In: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo, ano 3, n. 6, pp. 49-76, jul./dez. 2009.

<sup>16</sup> MEIHY, *op. cit.*

<sup>17</sup> O primeiro jogo foi disputado na Argentina e terminou empatado em 2 x 2. No Brasil, o São Paulo venceu por 3 x 1.

<sup>18</sup> Na partida de ida, realizada no dia 16 de março do mesmo ano, na Argentina, Grafite já havia tornado público as ofensas raciais sofridas. Cf. GRAFITE acusa, e Conmebol estranha. In: *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. D1, 18 mar. 2005.

<sup>19</sup> SECRETÁRIO deu ordem, e polícia entrou em ação. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D1, 15 abr. 2005.

<sup>20</sup> GODOY, Marcelo. O que diz Grafite. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E3, 15 abr. 2005.

<sup>21</sup> GODOY, Marcelo. O que diz Desábato. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E3, 15 abr. 2005; TOMAZ, Kleber. Argentino preso em campo diz que é tratado como delinquente. In: *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. D1, 15 abr. 2005.

<sup>22</sup> ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. Uma análise sobre o caso Grafite X Desábato à luz do ‘racismo à brasileira’. In: *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro, n.5, pp. 1-17, 2007.

<sup>23</sup> Alguns juristas ouvidos pelos jornais, contudo, tiveram interpretações distintas sobre a aplicação da lei neste caso. Cf. ANJOS, Márvio dos. Juristas divergem sobre acusação de injúria. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. D5, 15 abr. 2005; ORICCHIO, Livio. Ação da polícia merece elogios e críticas pesadas. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E3, 16 abr. 2005. Cabe ainda dizer que a desqualificação do crime de racismo para injúria racial é uma das evidências da discriminação no acesso à justiça penal sofrida pelos negros no Brasil. Outras informações relevantes acerca desse tema podem ser encontradas em Adorno (1996).

<sup>24</sup> TOMAZ, Kleber; ARANTES, Silvana. Zagueiro argentino deixa Brasil e diz levar marcas das algemas. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D1, 16 abr. 2005; TINOCO, Luís Fernando. 37 horas depois, Desábato livre. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E1, 16 abr. 2005.

<sup>25</sup> Jornais argentinos revelaram indignação pelo exagero da punição. As fotos que compunham as notícias mostravam Desábato algemado e as manchetes diziam “Vergonha”, do jornal Clarín, e “Inferno no Brasil”, do jornal esportivo Olé, ambos do dia 15 de abril. Cf. Helal, 2005. A repercussão na imprensa de outros países pode ser vista em: In: *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. E4, 15 abr. 2005; *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. D2, 15 abr. 2005; PRISÃO de argentino ganha repercussão internacional. UOL, São Paulo, 14 abr. 2005. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/04/14/ult59u92780.jhtm>. Acesso em: 16 abr. 2010.

<sup>26</sup> RACISMO em campo. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. A2, 15 abr. 2005.

<sup>27</sup> Alegação semelhante foi considerada no Blog do Juca Kfour. OLIVEIRA, Rodrigo Barros. *Injúria, talvez, racismo, não!* São Paulo, 26 jun. 2009. Disponível

---

em: [http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2009-06-21\\_2009-06-27.html#2009\\_06-26\\_11\\_41\\_49-9991446-0](http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2009-06-21_2009-06-27.html#2009_06-26_11_41_49-9991446-0). Acesso em: 26 jun. 2009.

<sup>28</sup> Futebol e racismo. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. A3, 16 abr. 2005.

<sup>29</sup> MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 221.

<sup>30</sup> O racismo punido. In: *Zero Hora*. Porto Alegre, 15 abr. 2005. Disponível em: <http://observa-discrim.blogspot.com.br/>. Acesso em: 16 abr. 2010.

<sup>31</sup> MAGALHÃES, Mário. Viva Grafite. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D3, 29 abr. 2005.

<sup>32</sup> SONINHA. De baixo calão. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D3, 21 abr. 2005.

<sup>33</sup> GRECO, Antero. Hipocrisia tem limite. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E2, 15 abr. 2005.

<sup>34</sup> GIORGETTI, Ugo. O racismo que não punimos. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E2, 17 abr. 2005.

<sup>35</sup> Em outros termos, Tostão também advogou a favor da referida gíria. Cf. TOSTÃO. Ofensa e racismo. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D1, 15 abr. 2005.

<sup>36</sup> TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. 2010. 432 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

<sup>37</sup> ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *O 'preconceito de marca' e a ambiguidade do 'racismo à brasileira' no futebol*. 2010. 399 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

<sup>38</sup> São eles: SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, Sebastião Josué. *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2006. Uma análise sobre o caso Grafite X Desábato à luz do 'racismo à brasileira'. In: *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 1-17, 2007 ABRAHÃO; SOARES, *op. cit.* CAVALCANTI, Everton Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 4, pp. 741-748, out./dez. 2009. TONINI, Marcel Diego. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafite/Desábato. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 2, pp. 438-468, 2012.

<sup>39</sup> FERRARI, Luís. Times argentinos tiveram ídolos negros. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D5, 16 abr. 2005.

<sup>40</sup> MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988, p. 70.

<sup>41</sup> GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

<sup>42</sup> SANTOS, Marzo Vargas dos; MOLINA NETO, Vicente. Aprendendo a ser negro: a perspectiva dos estudantes. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 41, n. 143, maio/ago. 2011.

---

<sup>43</sup> SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>44</sup> TAMADA, Marcelo. Baiano diz não sofrer preconceito no Boca. In: *Estado de S. Paulo*. 18 abr. 2005, p. E1.

<sup>45</sup> CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus, 2000.

<sup>46</sup> Ao contrário do que ele nos relatou, ele falou em “100 jornalistas” em entrevista publicada pela Gazeta Esportiva em 26 de janeiro de 2011. Mais uma vez, o número exato de jornalistas presentes na coletiva pouco importa, mas sim o fato de a memória dele distorcer para mostrar o tamanho da pressão sofrida na Argentina. Cf. SOUZA, Luis Fernando de. “Bombom” Baiano relembra passado amargo e festeja presente doce. In: *Gazeta Esportiva*. 26 jan. 2011. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2011/01/paulista-de-jundiai/bombom-baiano-relembra-passado-amargo-e-festeja-presente-doce.html>. Acesso em: 14 jun. 2014.

<sup>47</sup> BAIANO volta ao Palmeiras após seis meses. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 2005, D2.

<sup>48</sup> REFORÇO palmeirense, Baiano diz que racismo pesou para sair do Boca. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jun. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u90820.shtml>. Acesso em: 14 jun. 2014.

<sup>49</sup> EM seu retorno, Baiano vira arma e vive redenção. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jul. 2005, p. D4.

<sup>50</sup> A reportagem da Rede Globo sobre a partida está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=keyAaQ5Tv-0>. Acesso em: 14 jun. 2014.

<sup>51</sup> TINOCO, Luis Fernando. Bonamigo fica. Baiano se desculpa. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 2005, E2.

<sup>52</sup> “OLÉ” ironiza denúncias de racismo feitas por Baiano. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2005, E3.

<sup>53</sup> TEVEZ: desculpas por brincadeira. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 2005, E2.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> ASSIS, Toni. Briga acirra rivalidade Brasil e Argentina. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 2005, D3.

<sup>56</sup> TEVEZ... *op. cit.*

<sup>57</sup> BAIANO, do Palmeiras, não alivia Tevez. In: *Globoesporte*. São Paulo, 10 jul. 2005. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA993202-4403,00-BAIANO+DO+PALMEIRAS+NAO+ALIVIA+TEVEZ.html>. Acesso em: 14 jun. 2014.

<sup>58</sup> ASSIS... *op. cit.*

<sup>59</sup> SÍMON, Luis Augusto. Hoje pode ter Leão no Parque. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 2005, E3.

<sup>60</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>61</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 171.

- 
- <sup>62</sup> RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 34.
- <sup>63</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.
- <sup>64</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- <sup>65</sup> Esse episódio fez com que um ano depois o próprio presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, exigisse não inclusão de “negros” no selecionado brasileiro” para a disputa do Campeonato Sul-Americano que seria disputado na Argentina, fato que gerou grande polêmica. Cf. FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 44.
- <sup>66</sup> GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- <sup>67</sup> GUEDES, *op. cit.*, p. 141.
- <sup>68</sup> TONINI, Marcel Diego. *Op. cit.*
- <sup>69</sup> BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- <sup>70</sup> HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999.
- <sup>71</sup> SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- <sup>72</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 2001.
- <sup>73</sup> FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.
- <sup>74</sup> SILVA; VOTRE. *Op. cit.*
- <sup>75</sup> RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, pp. 21-65, jul./dez. de 2008.
- <sup>76</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. v. 4. pp. 173-244.
- <sup>77</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Data de envio: 15/03/2014.

Data de aceite: 23/03/2014.